



SCARLETT SCOTT

O
Duque
Implacável

CONFRARIA DOS CANALHAS • LIVRO 1

 FARO
EDITORIAL



Duque
Implacável

SCARLETT SCOTT

TRADUÇÃO DE SANDRA MARTHA DOLINSKY

Duque
Implacável

CONFRARIA DOS CANALHAS ♦ LIVRO 1



À minha família, com muito amor





CAPÍTULO 1

Trevor William Hunt, sexto duque de Ridgely, marquês de Northrop, barão de Grantworth, encarou a ameaça que invadira sua casa, fazendo o possível para ignorar os tornozelos tentadores que espreitavam por baixo das bainhas do vestido e das anáguas. Uma tarefa deveras difícil, de fato, quando a ameaça em questão pairava sobre ele do patamar mais alto da escada de sua biblioteca. Não havia para onde olhar senão por baixo de suas saias.

Quando era espião e trabalhava para a Confraria, reportando-se diretamente a Whitehall, enfrentara inimigos temíveis e supostos assassinos. Fora baleado, esfaqueado e quase atropelado por uma carruagem. Mas tudo isso tornava-se ínfimo em comparação a toda a força de Lady Virtue Walcot — filha de seu falecido amigo, o marquês de Pemberton —, inesperada e indesejada tutelada de Trevor e seguidora de Belzebu recém-enviada do Hades para destruí-lo.

— Desça antes que se machuque, criança — ordenou-lhe.

Não que ele se importasse, mas também não queria começar o dia testemunhando-a rolar escada abaixo e morrer. Afinal, ele ainda nem havia tomado o café da manhã.

— Não sou criança — anunciou ela, com um tom desafiador que estalava feito um chicote de seu pedestal sublime.

A atrevida sequer deu-se o trabalho de olhar para ele ao responder.

Não, de fato. Ela continuou folheando os livros empoeirados nas prateleiras altas, relíquias do quinto duque de Ridgely. É provável que tivessem sido adquiridos para impressionar a amante da vez. Trevor duvidava muito que seu pai já houvesse lido uma palavra sequer daquelas páginas. *Hum*. Quando tivesse oportunidade, se livraria de todos eles. Havia esquecido que estavam lá.

— Menina, então — consentiu ele, cruzando os braços e mantendo o olhar atento às prateleiras, e não na tentadora curva do traseiro dela acima de sua cabeça. — Pois uma mulher adulta jamais escalaria a biblioteca de seu tutor, colocando seu bem-estar em risco.

— Escalaria sim, se estivesse procurando algo para ocupar sua mente e fugir do aborrecimento que seu tutor lhe impõe.

Lady Virtue, sem dúvida, referia-se ao turbilhão social que ele havia organizado com a ajuda da sua irmã, tudo para ver a irritante pirralha casada, et cetera, e, se Deus quisesse, fora da sua vida.

— Damas adoram bailes — retrucou ele, descruzando os braços e colocando as mãos na cintura.

Lady Virtue o deixava inquieto. Sempre que ela estava perto dele, ele era tomado pelo anseio de tocá-la, o que não fazia sentido, visto que ela não passava de uma dama inocente, e ele não a suportava.

— Pois esta dama não gosta — gritou ela lá de cima.

Trevor tinha certeza de que ela discordara dele só para não dar o braço a torcer.

— Damas adoram esses eventos enfadonhos com músicos.

— Saraus, é o que quer dizer? — Ela bufou. — Eu os detesto.

— Ora, que infortúnio — gracejou ele. — Para que possa ver-se bem-casada precisa participar de eventos da sociedade.

Outro exalar desdenhoso proveio de cima.

— Não quero me casar, bem ou mal.

Ela já havia afirmado isso em várias ocasiões. Lady Virtue Walcot era franca na mesma proporção em que lhe tirava do sério. E continuaria sendo um fardo para ele ao longo do ano, até atingir a maioridade e deixar de ser sua tutelada. Para ele, esses doze meses pareciam uma eternidade. A única possibilidade de se livrar dessa sina seria arranjando um marido para ela, coisa que ele pretendia que sua irmã fizesse. Mas era evidente que Pamela precisaria esforçar-se mais.

Quando Lady Virtue se casasse, continuaria sob a tutela dele, mas o esposo desavisado ao menos ficaria encarregado de mantê-la longe de problemas, e Trevor poderia seguir sua vida como bem quisesse.

Vislumbrou de novo os tornozelos de Lady Virtue e xingou a si mesmo ao sentir que seu pau resolveu dar o ar de sua graça. Pernas femininas sempre foram seu ponto fraco. Pena que esse pedaço de mau caminho pertencia a *ela*.

Ele pigarreou.

— Vai mudar de ideia.

— Não vou, não. — Ela puxou um livro da estante. — *Um conto de amor*.

Ah, Jesus. Ele conhecia esse título, sabia qual era seu conteúdo. Era um livro de uma obscenidade absurda. Sem sombra de dúvida não era o tipo de livro que ela deveria ler. Se alguém a levasse para o mau caminho, Trevor é que não seria.

Infelizmente.

— Isso não é para os olhos de mocinhas inocentes — disse. — Coloque-o de volta na prateleira.

— Nunca aleguei ser uma mocinha inocente.

O som inconfundível das páginas sendo folheadas chegou até ele.

— Ora, trata-se de um relato epistolar — disse ela. — Não pode haver mal nisso, não é?

Ele rangeu os dentes e olhou para as lombadas dos livros à sua frente, rendendo-se à necessidade de tocar alguma coisa e decidindo-se por pousar a mão na escada. Ao menos ela não cairia estando ele ali para firmá-la.

— Não leia isso, criança — disse ele, seco. — Isso é uma ordem.

— Sou pouco mais nova que você, como sabe. — Mais uma página virada. — Oh! Deus do céu...

— Minha santa Apolônia, falei para não ler esse livro. — Ele segurava a escada com tanta força que temia parti-la ao meio. — Se não descer neste momento, não terei escolha senão ir até você para tirá-la daí eu mesmo.

— Não seja tolo. Esta escada não aguentaria nós dois e você quase enfiaria a cabeça dentro das minhas saias.

Sim, exatamente.

E ele não acharia ruim.

— Desça, ou subo eu — rebateu ele com severidade. — Vou contar até cinco. Um, dois, três...

— Você não vai subir nesta escada, Ridgely — interrompeu ela.

— Quatro — prosseguiu ele, carrancudo.

Ah, pois ele subiria! Ela não podia ler aquele maldito livro. E não só porque pensar em Lady Virtue lendo aquela porcaria obscena o excitava.

— Cinco.

Segurando a escada com ambas as mãos, ele apoiou o pé direito no degrau mais baixo e começou a subir.

Do alto da escada, ela arfou.

— Fique onde está!

Outro degrau, e a bainha do vestido dela roçou no topo de sua cabeça.

Não olhe para cima, seu canalha, advertia ele a si mesmo. *Não olhe para cima.*

Ele engoliu em seco tentando controlar uma onda de desejo proibido.

— Não obedeço a ordens de crianças.

— Vai nos fazer cair.

Lady Virtue, que em geral era inabalável, parecia um pouco preocupada. Não sem razão. Trevor avançou outro degrau e a escada balançou. Ah, que ironia... Anos enfrentando vilões perigosos, mas saindo com vida, e poucas semanas tendo-a como tutelada seriam a causa de seu prematuro fim.

Para decepção de seu lado pecador, a cabeça dele não pousou em suas anáguas. Em vez disso, ele se segurou na escada com as mãos ao lado de ambos os joelhos dela, cobertos por uma saia fofa de musselina jaconet e babados que impediam a visão deslumbrante daqueles tornozelos deliciosos e das pantufas cor-de-rosa nos pés delicados.

— Ainda não caímos, não é? — perguntou Trevor, triunfante, apesar de sentir a escada balançar um pouco mais. — Agora, me dê esse maldito livro.

Ela girou um pouco na escada para fitá-lo. O movimento desestabilizou a escada ainda mais.

Ele ergueu os olhos, passando pela curva tentadora dos seios dela, lindamente delineados sob o tecido claro e justo, subindo até um pedacinho de pescoço macio, visível acima da gola recatada do vestido, e chegando ao rosto dela. Como sempre acontecia quando a olhava, o efeito da beleza dela o atingiu feito um soco no estômago.

Lady Virtue era detestavelmente adorável. Lustrosos cabelos acaju, olhos castanhos calorosos que irradiavam inteligência e cílios longos. Nariz delicado, pômulos aristocráticos, uma inclinação desafiadora no queixo e lábios fartos, exuberantes, implorando para serem beijados. Mas a maneira como se comportava era o que a tornava irresistível: era orgulhosa, teimosa e deveras atrevida.

Se ela fosse uma viúva, uma esposa infeliz ou qualquer outra mulher com quem um caso fosse possível, ele a teria levado para a cama num piscar de olhos. Mas ela era sua protegida, além de ser uma pedra no seu sapato, portanto ele tinha que fazer um esforço diário para conter sua inapropriada luxúria.

Logo ele descobriu que sempre que os lábios dela se moviam isso o ajudava muito nessa tarefa.

Como nesse momento.

— Se não descer da escada, não terei escolha a não ser chutá-lo — declarou a atrevida, segurando o livro em sua mão bem no alto, fora do alcance dele.

Ele subiu mais um degrau, alinhando o rosto com a cintura dela. O que significava que, se ela cumprisse a ameaça, uma daquelas delicadas pantufas cor-de-rosa o acertaria bem no meio das pernas. Seria, sem dúvida, uma maneira de reprimir seu inconveniente desejo, mas ele não estava com ânimo para se tornar eunuco hoje.

— Se você me chutar, haverá consequências — rosnou. — Como ficar sem livros.

Lady Virtue estava sempre com um livro na mão, aonde quer que fosse. Às vezes, dois. Ele os encontrava em todos os lugares, espalhados como migalhas lhe mostrando onde ela havia estado. Em sua carruagem, na sala de estar, na mesa do café da manhã, no divã da biblioteca, no jardim...

Não havia punição maior do que negar a ela o alimento da leitura.

Ela semicerrou os olhos.

— Que crueldade!

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Alguma vez afirmei ser um homem gentil?

Ambos sabiam que não. Porque ele não era um homem gentil. Era mau. Desagradável. Incorrigível. Um completo canalha.

A escada balançou de novo.

— Ridgely! — Os olhos dela se arregalaram.

Ele estendeu a mão, com a palma para cima, e mexeu os dedos:

— O livro.

Ela apertou o livro contra o peito, como se o protegesse dele:

— Não.

A tenacidade daquela pirralha era deveras irritante.

Ele poderia arrancar *Um conto de amor* dela com facilidade. No entanto, um movimento brusco e uma disputa resultante provavelmente terminaria com os dois no chão. E não da maneira que ele imaginara em várias ocasiões desde que ela surgira em sua vida. A manhã mal começara para acabar em ossos quebrados.

Era hora de exercitar a astúcia que fez dele um espião tão eficiente.

Dissimulando indiferença, Trevor desviou a atenção dela, olhou para a parede de livros mais adiante e soltou um suspiro fingido.

— Pois bem, creio que não há como impedi-la de ler esse livro. Pelo menos não encontrou *Cartas de amor de uma cortesã*.

Como ele previra, a curiosidade foi mais forte que ela. Quando Lady Virtue seguiu o olhar dele até onde o livro indecente que ele acabara de inventar supostamente estaria alojado, Trevor atacou com a agilidade de uma cobra, arrebatando *Um conto de amor* dos dedos frouxos dela com facilidade. Colocou-o dentro de seu fraque e desceu rápido, triunfante.

— Seu miserável! — acusou ela lá de cima. — Você me distraiu para poder roubar o livro.

— Um homem não pode roubar o que é de sua propriedade, minha cara.

Sentindo-se excepcionalmente cavalheiresco, ele segurou a escada enquanto ela descia, furiosa.

— O livro é seu, então? Que grande surpresa.

Ele cometeu o erro de erguer os olhos a tempo de vislumbrar as belas coxas e ligas cor-de-rosa. Deus do céu, a roupa íntima dela combinava com as pantufas e a fita do vestido! Um tom perfeito de rosa-claro, como os lábios dela.

Ele desviou o olhar.

Essa cópia específica de *Um conto de amor* não era dele. Ele tinha a sua. O que significava que havia pertencido a seu inglório predecessor ou a uma das muitas amantes de seu pai. Sem dúvida, não pertencia a seus falecidos irmãos, Bartholomew e Matthew, que eram dóceis e moderados como um par de camundongos. De qualquer maneira, Trevor não queria ponderar quanto à origem do livro.

— Tudo nesta casa é meu — disse ele, em vez de ser direto ao responder à pergunta dela.

Ou de sua responsabilidade. Ser duque tinha muito disso, para sua eterna consternação. E uma tutelada, ainda por cima. Bartholomew ou até mesmo Matthew teriam sido muito mais adequados para o papel de duque e tutor. Deus sabia que seus irmãos nunca teriam sonhado em sequer ousar olhar sob o vestido de alguém, muito menos de uma tutelada.

Bartholomew e Matthew foram bons rapazes. Ele sentia falta dos irmãos. Nem sempre conseguia se livrar da sensação de que era um usurpador. Trevor era o canalha da família, para contrabalançar tanta decência. Eles sempre foram os filhos favoritos do pai; já o terceiro filho, o que nunca demonstrara ter qualquer talento digno da atenção do duque, era odiado. *Uma vil decepção*, dissera-lhe o duque muitas vezes, inclusive. Até que Trevor simplesmente deixara de falar com o velho patife. Ele nunca quisera o título, isso era verdade, nem o temido peso das responsabilidades que o acompanhavam. A vida era muito menos complexa quando ele era o terceiro filho, quando nenhuma expectativa recaía sobre ele.

— Como deve ser emocionante estar de posse da própria casa! — disse Lady Virtue ao pôr os pés no tapete Axminster, dando um passo para mais perto de Trevor com o dedo apontado para o ar, como se quisesse pontuar suas palavras. — E da própria biblioteca. — Outro passo. — E do próprio dinheiro. — E outro, até que pousou o dedo no peito dele, dando-lhe um forte cutucão. — E do próprio *futuro*.

O tom dela já era bastante mordaz ao chegar à última parte de sua diatribe. Ela estava muito perto, com a ponta das pantufas encostada na ponta dos sapatos dele. De repente, ele notou as minúsculas manchas coloridas nos seus intensos olhos castanhos e uma pitada de sardas salpicando o nariz dela.

Ele não podia culpá-la por se ressentir de sua precária posição; era uma jovem sozinha no mundo, com um dote ainda pendente para recomendá-la e nenhum meio de tomar suas próprias decisões enquanto não atingisse a maioridade ou se casasse. E, mesmo depois de casada, ela ainda não teria poder de decisão. Mas Trevor não permitiria que essa ideia o assombrasse nem alimentasse um mínimo arrependimento. Porque ele precisava se livrar daquele inconveniente fardo.

Para ontem.

Ele não pedira uma tutelada. *Jesus*, acaso Pemberton não sabia que o velho provérbio “mais vale o mau conhecido que o bom por conhecer” não passava de uma grande bobagem?

Aparentemente, não, pois a adorável filha do marquês estava ao lado de Trevor em sua biblioteca. Uma inocente confiada a seus duvidosos cuidados. E ele era a prova viva de que o mau conhecido não deixa de ser um mau.

Trevor deu um passo urgente em retirada, deixando uma distância mais segura entre eles.

— O mundo não é justo, criança — disse ele, suavizando o tom de voz para amenizar a punhalada em suas palavras.

Ele a chamava assim com frequência, como se para lembrar a si mesmo de que ela era sua tutelada. *Proibida*. Dez anos mais jovem que ele. Muito mais inocente.

— Quanto antes se conscientizar disso, melhor para você.

— Não preciso que um homem me diga isso — rebateu ela —, especialmente um duque que não tem uma única preocupação no mundo e que insiste em me forçar a um casamento que não quero.

As farpas dela acertaram o alvo em cheio, mas ele as ignorou. Não queria ali aquela incumbência virgem vestida de rosa, com uma boca tentadora e o corpo de uma beldade. Seus dedos estavam ansiosos de novo para tocá-la, e seu pau irritante se recusava a se abaixar. Ele *não podia* tocá-la. Ela era filha de Pemberton, sua tutelada.

— Fui incumbido de vê-la feliz como seu pai desejava — disse ele, levando as mãos às costas para mantê-las ocupadas. — A propósito, já tomou café da manhã? Creio que Lady Deering a levará para fazer compras hoje.

Ele não tinha ideia do que sua irmã havia planejado para Lady Virtue; sabia apenas que sairia com ela. Esforçava-se ao máximo para não saber o que faziam, nem quando, nem onde. Quanto menos ele soubesse, menos sua pupila invadiria seus pensamentos. E ele preferia que fosse assim.

— Há muito tempo — informou Lady Virtue.

E essa era outra qualidade irritante dela: a habilidade inata de acordar cedo. Estava acordada e perambulando pelos corredores da Hunt House muito antes dele todas as manhãs. Daí sua incursão atual à biblioteca. Era como abrigar um bando de soldados inimigos em sua própria casa.

Pior ainda, já que ele não se sentiria tentado a transar com soldados inimigos.

— Perfeito. — Ele forçou um sorriso. — Por que você não faz algo mais construtivo do que furtar minha biblioteca, até que minha irmã me alivie de minhas infelizes obrigações?

Lady Virtue passou por ele, deixando um rastro de seu sedutor perfume floral.

— Talvez eu dê uma volta por Rotten Row — exclamou ela ao olhar para trás, aparentemente tendo decidido que ele estava dispensado.

Rangendo os dentes, ele a seguiu enquanto ela cruzava a biblioteca.

— Pois não é hora disso. Só cavaliários andam por ali a esta hora da manhã; e esse, sem sombra de dúvida, não é o lugar para uma dama tentar laçar um marido.

— Felizmente, não tenho intenção de *laçar* um marido.

Ela parou e deu meia-volta, ficando de frente para ele mais uma vez. Não estava de chapéu, e a visão de seus cabelos presos em um coque frouxo era tentadora por si só.

— Céus, Ridgely, você fala como se todo o processo não passasse de um caçador perseguindo uma lebre para o jantar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— E não é? Um marido, quando capturado, costuma ser assado no espeto sobre a miserável chama também conhecida como casamento, em uma situação muito parecida com a da lebre. Para mim, a lebre ainda leva vantagem. Ela é comida no jantar, ao passo que o outro é lentamente torturado durante toda a sua vida.

Ela franziu os lábios.

— Esse é um pensamento bastante sombrio de um homem determinado a me ver presa contra minha vontade em tal situação.

— Você é dramática como uma atriz — disse ele lentamente, mantendo no rosto uma máscara de indiferença.

— Creio que se há alguém que deve saber disso, é você — retrucou ela, atrevida. — Provavelmente já dormiu com metade das atrizes de Londres.

A ousadia de Lady Virtue Walcot nunca deixava de surpreendê-lo.

— Uma dama não se refere a assuntos tão indelicados — repreendeu ele com rispidez.

Meu Deus, se aquela atrevida continuasse tão descarada nas conversas, nunca arranjaría um marido. E muito provavelmente era essa sua intenção.

Ela deu de ombros.

— Talvez eu não seja uma dama.

Maldito Pemberton por morrer e largar para Trevor sua prole...

— Você é uma dama, sim, e se comportará como tal — disse ele, rangendo os dentes. — Ou farei com que todos os livros sejam retirados desta maldita casa e queimados.

As narinas dela se dilataram.

— Você não ousaria!

— Você também pensou que eu não subiria a escada. Experimente, minha cara.

Eles se entreolharam em silêncio, travando uma batalha de obstinação.

O que quer que ela tenha visto nos olhos dele, aparentemente a persuadiu a ceder, porque ela suspirou e um pouco de sua atitude belicosa se esvaiu.

— Pois bem, não vou cavalgar. Encontrarei outra coisa para me ocupar até que Lady Deering esteja pronta.

Com uma reverência que mais parecia uma repreensão, Lady Virtue virou-se e saiu da biblioteca, com uma majestade digna de uma rainha. Trevor a observou partir, com muito medo de imaginar o que essa *outra coisa* poderia ser. Quanto menos ele soubesse, melhor.

Pamela precisava casá-la com urgência. Trevor não seria totalmente absolvido de seus deveres, mas ao menos Lady Virtue estaria sob o teto do marido, onde seria seu lugar, não mais ali o tentando. Ele precisava falar com sua irmã. Franzindo a testa, Ridgely saiu em busca de seu café da manhã.



CAPÍTULO 2

Virtue encostou a cabeça no vidro frio da janela panorâmica que dava para Grosvenor Square e soltou um suspiro de frustração, embaçando a vidraça à sua frente. A majestosa rua abaixo ficou obscurecida por um momento, o que foi bom, pois ela não desejava ver as carruagens barouche e curricle que passavam levando a seus destinos os cavalheiros e as damas mais elegantes da alta sociedade. Não mais do que desejava estar ali, esperando uma audiência com o duque de Ridgely.

Assim como também não desejava estar em Londres.

Desde a descoberta de que ela seria empacotada como uma peça de mobília sem uso e enviada para a cidade de seu novo tutor, o duque de Ridgely, todos os seus dias foram tomados por pavor e medo de que a vida que ela queria para si estivesse para sempre longe de seu alcance.

Era inevitável que um turbilhão se seguisse à sombria notícia. Fez uma onerosa viagem desde o seu refúgio, em Greycote Abbey, após um período adequado de luto. Então ela conhecera o duque — e quão surpresa ficou ao ver que era jovem e tão bonito que chegava a ser perturbador. Conhecido por sua crueldade também, como ela logo descobrira.

A seguir, houve o subsequente e obrigatório — como agora ela supunha — desfile em mares de saraus da sociedade, acompanhada pela irmã dele. Tudo com o intuito de casá-la. Ao que parecia, seu destino na vida era não ser desejada por ninguém, mas esquecida ou ignorada, passada dos cuidados de uma pessoa a outra. A todo momento Virtue era alertada de que deveria escolher um marido, pois era o que seu pai teria almejado para ela.

— Lorde Pemberton desejaria vê-la bem encaminhada — afirmara Ridgely assim que se conheceram.

Como se seu pai tivesse se importado com o que ela fazia em seu passado ou presente, quando ele estava vivo. E se importava muito menos com seu futuro, agora que estava morto.

Na verdade, o marquês de Pemberton deu sua contribuição na cama para gerá-la; mas, depois disso, fizera o possível para esquecer sua existência. A mãe de Virtue morrera de febre puerperal, e o pai escolhera fingir que ela nunca havia nascido. Até que, inexplicavelmente, tomara a decisão de confiar o futuro da filha aos caprichos do duque de Ridgely.

— Mas é claro que você deve arranjar um marido — insistira Lady Deering, apesar de todas as objeções de Virtue.

Com frequência, tais objeções eram acompanhadas por uma sobrancheira erguida e uma expressão severa de desaprovação quando Lady Deering proclamava:

— Toda dama solteira deseja se casar.

— Nem todas as solteiras — murmurou Virtue para si mesma, soltando sua respiração sobre o vidro, embaçando-o mais.

É bem provável que não fosse adequado manchar as janelas impecáveis de Vossa Senhoria. Ela não tinha dúvidas de que deixaria uma marca. Mas estava de mau humor, pois Ridgely descobrira, no dia anterior, que ela havia entrado sorratamente nos estábulos e se entregado a cavalgadas matinais sem um cavaliço, sendo que ele havia expressamente proibido isso.

A acompanhante de Virtue tinha uma constituição incansável quando se tratava de gastar as moedas de seu irmão. Ela não se fatigava das horas passadas nas melhores lojas, encomendando vestidos, chapéus e calçados. Lady Deering a recriminara quando saíram para outra vertiginosa jornada de compras que deixara Virtue com dor de cabeça e um desejo agudo de voltar para seu jardim em Greycote Abbey. E Lady Deering a alertara:

— Vossa Senhoria terá uma conversa com você amanhã.

Aparentemente, um dos cavaliços de Vossa Senhoria tinha visto Virtue na manhã anterior, quando ela voltava com Hera, e o criado fora diretamente ao duque. Devido aos compromissos urgentes do duque — é provável que o afazer fosse fornicar com uma de suas amantes, pensara Virtue —, ele só poderia repreendê-la um dia depois. Portanto, ela havia passado uma noite inquieta, revirando-se na cama, incapaz de dormir por imaginar que punição Ridgely lhe aplicaria.

Ele já a ameaçara antes. Já haviam se engajado em batalhas argumentativas, mas ela nunca o desafiara de maneira tão descarada. Estava mais do que ciente do risco que havia assumido. Mas valera a pena pelo exercício, o ar frio, a feliz solidão do Hyde Park sem seus presunçosos cavalheiros e damas, e a oportunidade de montar um cavalo tão excelente.

No entanto, ela não sabia o que esperar. O duque nunca a havia convocado antes, e a obrigara a esperar no corredor até que ele estivesse pronto para recebê-la. Não havia ali um relógio para que Virtue pudesse consultar as

horas, mas ela poderia apostar que pelo menos meia hora havia se passado, durante a qual ficara andando pelo corredor antes de, por fim, render-se e ir até aquelas janelas enormes e tentadoras. O frescor do vidro era calmante, assim como respirar e desafiar Ridgely.

Ela continuaria contornando os planos que ele tinha para ela, sempre.

Faria qualquer coisa para escapar do futuro que ele planejara para ela.

O clique de uma porta e o som de passos se aproximando deixaram claro que suas ruminções haviam chegado ao fim.

Ela se afastou da janela e viu o Sr. Spencer, secretário de Ridgely, com sua habitual expressão austera. Ele era todo anguloso e enrugado, e usava o cabelo empoadado, coisa que até Virtue sabia ser antiquada. Era de admirar-se que um homem tão sério como ele servisse a um libertino sem escrúpulos como o duque.

— Lady Virtue. — O Sr. Spencer fez uma reverência solene. — Vossa Senhoria a receberá agora.

Ela inclinou a cabeça em confirmação.

— Obrigada, Sr. Spencer.

Virtue atravessou o corredor até a porta que havia sido deixada entreaberta à espera de sua entrada. Parou um segundo para se recompor e se preparar; ficar a sós com Ridgely sempre a afetava, apesar de sua antipatia por ele. E então, entrou no covil do diabo.

Ridgely estava junto à lareira, de costas para ela, com a atenção em algo que os ombros largos dele não permitiam que ela visse. Ela ficou grata por mais esse intervalo da força do magnetismo dele. Ele era um cínico fútil que não se importava com o que acontecesse com Virtue, nem com o que ela quisesse para seu próprio futuro; ela não gostava dele, mas não podia negar sua beleza masculina gritante. Olhar para ele sempre lhe causava um choque inicial, como se houvesse tocado inadvertidamente uma superfície quente. O ar não saía de seus pulmões enquanto a ferocidade de sua reação não diminuísse.

Ele era alto e forte; seu corpo desmentia o estilo de vida perdulário que diziam que levava. Desde que soubera que Ridgely, um homem de quem até então ela nunca ouvira falar, seria seu tutor, Virtue lera todas as fofocas sobre ele. Suas façanhas eram bem conhecidas e amplamente escritas, principalmente nas páginas de *Contos da Cidade*.

Contudo, ela teve que amaldiçoar seu olhar errante, pois percorrera o traseiro firme dele que, na ausência de um fraque, estava totalmente à mostra naquela calça de caimento perfeito, bem como suas pernas longas e coxas musculosas de cavaleiro. Havia algo pecaminosamente íntimo em seu vestuário informal, em seus braços envoltos pelas mangas de uma camisa branca sob um colete de algodão listrado.

Pare de olhar para ele, ordenou a si mesma com firmeza. *Você nem gosta desse homem!*

Virtue pigarreou para indicar sua presença.

— Solicitou uma audiência comigo, Vossa Senhoria?

— Hmm — disse ele baixinho, com sua voz grave e agradável, que a fez sentir como se mel quente escorresse pela sua pele. — Sim, criança.

Criança.

Virtue detestava a insistência casual dele em lembrá-la de que ela era mais jovem que ele. Um mero bebê de apenas vinte anos para seus superiores e avançados trinta anos. Mas uma década não lhe parecia uma disparidade enorme.

Ele não se dignou a fitá-la da maneira habitual; ficou brincando com algo que estava na cornija da lareira e que tanto o distraía, com as mãos fora de vista.

Ela optou por ignorar a grosseria dele e o apelido inoportuno, apurando os ombros e se preparando para mais um embate.

— Se pretende me punir, não precisa adiar.

— Puni-la, sim. — Mais uma vez, o timbre de sua voz, além da insinuação entremeada nessas palavras, encheu Virtue de calor. — Pretendo puni-la, mas a questão é: como?

Virtue apertou os lábios, dizendo a si mesma que não lhe importava o que ele escolhesse, pois nada seria pior que o casamento.

—guardo ansiosamente sua decisão, Vossa Graça — disse ela em tom seco.

— É mesmo?

Havia divertimento em sua voz agora, mas era uma leveza sombria.

O senso de humor do duque de Ridgely era perverso; e suas palavras e ações, muitas vezes enigmáticas. Depois de tanto tempo na casa dele, ela já deveria ter desvendado parte do mistério que o envolvia; mas ainda não.

— Sim — respondeu ela, sem medo de confrontá-lo, fosse como fosse. — Vai me dizer, ou devo ficar imaginando?

Preservar Greycote Abbey era seu objetivo principal. Aquele lugar e sua gente eram a única família que ela já conhecera. Mas, devido às disposições do testamento de seu pai, a propriedade, que sua mãe havia levado para o casamento havia muito tempo, seria vendida a critério do tutor de Virtue, e o dinheiro seria usado para seu dote.

A resposta para seus problemas era bem simples: se ela não se casasse, não precisaria de dote. E se não precisasse de dote, também não haveria motivo para se casar. Portanto, não havia absolutamente nenhuma necessidade de vender a propriedade de sua família. Ela tinha muitos motivos para desejar

permanecer solteira, mas Greycote Abbey era o principal. Tudo que precisava fazer era persuadir o teimoso duque de que era de interesse dele permitir que ela mantivesse a propriedade e permanecesse solteira até que completasse vinte e um anos, quando ele seria absolvido de seus deveres de tutor. Ela poderia ter o futuro que sempre aspirara para si, continuaria administrando a propriedade alegremente, cuidando do seu povoado e colecionando os livros e documentos que lhe deixavam feliz.

Que melhor maneira havia além de persuadi-lo a permitir que ela voltasse para o campo, em vez de ter que suportar um ano de sua presença como tutelada? E convencê-lo de que isso era do interesse de ambos, além de evitar a Ridgely o máximo de problemas possível? Segundo as estimativas de Virtue, não havia nenhuma.

— Talvez *você* possa *me* dizer algo — disse ele devagar, afastando-a de seus pensamentos ao enfim virar-se para ela.

Virtue não conseguiu conter o susto ao ver o hematoma inchado e de um vermelho arroxeadado que marcava a testa dele.

— Meu Deus, o que aconteceu com você?

Ele abriu um meio-sorriso irônico.

— Ora, não vai fazer nenhum comentário sagaz sobre maridos furiosos esta manhã?

Sim, ela com frequência o alfinetava com a péssima reputação dele, era verdade. Isso fazia parte de seu plano, cuidadosamente pensado, para forçá-lo a permitir seu retorno a Greycote Abbey. Não que suas provocações fossem imerecidas. Mas ela não se alegrou ao ver um ferimento tão notório nele.

— Não.

Ela se aproximou, inexplicavelmente sentindo um nó no estômago de preocupação.

— Consultou um médico?

Ele ergueu uma sobrancelha, mas estremeceu; esse velho hábito provavelmente lhe causou dor.

— Preocupada com meu bem-estar, ó tutelada de língua afiada?

Sim, mas não que ele merecesse sua preocupação. Especialmente se um marido traído e furioso houvesse desferido o golpe. Mesmo assim, ela não gostara nada daquilo.

Ela parou perto da lareira, apoiando as mãos no encosto de uma cadeira.

— Não me alegra alguém ter sido violento com você.

Ocorreu a Virtue, então, a razão por ele ter demorado a fitá-la. Ele relutara em mostrar a extensão de seu ferimento. Por quê? Estava envergonhado? Seria vaidade, talvez?

Ele levou a mão ao coração.

— Estou singularmente encantado por seus sentimentos ternos.

Mas sua expressão sardônica sugeria o contrário.

Fitaram-se em um silêncio carregado. O perfume dele — um delicioso misto de couro e almíscar, com um toque cítrico — chegou até ela. Apesar da feiura do calombo na testa, ele estava atraente como sempre. Não eram de se admirar os rumores de que ele tenha ido para a cama com metade das mulheres de Londres.

Ela forçou um sorriso agradável.

— Fico feliz por ter sido a fonte de seu encantamento.

— Muitas vezes você é — disse ele.

Fora uma observação bastante confusa, e ela não sabia como interpretar aquilo. Pois, sem dúvida, não tinha duplo sentido. Ou tinha?

Seu sorriso subitamente ficou tenso e desconfortável.

— Como estou feliz por saber disso!

Os lábios dele se curvaram levemente.

— Creio que não estaria se entendesse todas as implicações disso, minha cara. Mas isso não vem ao caso; não a chamei aqui para discutir minha infeliz colisão com um assaltante ontem à noite. Chamei-a aqui para discutir sua insolência.

Por fim, o motivo da audiência.

— Perdoe-me, Vossa Senhoria — começou ela, dando um suspiro exagerado. — É que não estou acostumada com a vida em Londres. Em Greycote Abbey, podemos tomar ar quando queremos.

Ele estendeu a mão, indicando o ambiente suntuoso ao redor.

— Se acaso não notou, você não está mais naquela pilha de pedras em decomposição, mas sim aqui, no bastião da sociedade polida.

A sala em que estavam era, inegavelmente, decorada com muito mais elegância que toda Greycote Abbey. Mas não eram móveis bonitos que compunham um lar.

— Sou desastrosamente desprovida do traquejo da cidade — disse ela. — Caso deseje enviar-me de volta para Nottinghamshire, eu entendo. Minhas ações não foram dignas do senhor nem de Lady Deering. Detestaria sujar ainda mais sua reputação ou causar um efeito negativo à sua irmã.

Essa última parte era verdade. Lady Deering tinha bom coração, apesar de sua afinidade com as compras e a insistência em que toda dama, sem dúvida, anseia por um marido.

— Não há nada para você em Nottinghamshire agora — replicou o duque suavemente.

Nada para ela em Nottinghamshire? Tudo e todos que ela amava estavam lá.

Virtue apertou o encosto da cadeira com tanta força que seus dedos doeram.

— Greycote Abbey está lá.

— Uma propriedade falida — rebateu ele. — E uma propriedade falida que está à venda, de acordo com o testamento de seu pai.

Ela já havia discutido com o duque, sempre tendo o cuidado de não revelar toda a extensão de seu interesse. Ridgely era esperto e astuto, e ela não sabia se ele usaria a intensidade dos sentimentos dela contra ela mesma.

— A intenção da venda não é me proporcionar um dote? — sondou ela. — Como não tenho intenção de me casar, não é necessário um dote; portanto, a venda de Greycote Abbey não é necessária.

— Sou obrigado a seguir o testamento de seu pai — disse Ridgely, franzindo a testa. — Já discutimos isso. A receita da propriedade não é o que deveria ser, dado o seu tamanho.

— O Sr. Leonard a administra mal há mais de uma década — defendeu ela. — Lorde Pemberton optou por ignorar todas as cartas que lhe enviei implorando por mudanças, e minhas mãos estavam atadas. No entanto, se me for permitido supervisionar a propriedade, estou quase certa de que posso produzir um aumento de...

— Você não terá permissão para supervisioná-la — interrompeu Ridgely —, visto que será vendida imediatamente.

Vendida.

A paisagem de sua juventude vendida, sem a possibilidade de reavê-la, em troca de uma pequena quantia que não se podia comparar às pessoas e aos lugares que ela amava. Perdida. Para sempre.

Pensar nisso fez com que uma parte dela, que até então não sabia que era frágil e delicada, se partisse. Era como uma morte, uma perda incomparável. E pensar que ela nada poderia fazer, que sua casa seria vendida a mando do pai que nunca a amara, concretizada por um homem que ela mal conhecia... era devastador.

Ela teve vontade de jogar algo na cabeça do duque de Ridgely.

— Ela não precisa ser vendida — tentou Virtue de novo, fazendo o possível para manter a calma. — O testamento de meu pai estipula que a propriedade seja vendida para financiar meu dote. No entanto, não preciso de dote, pois não vou me casar.

— Você *vai* se casar, e logo.

Ele foi em direção a ela, com as mãos cruzadas atrás das costas, assustador com sua postura audaz. Mais ou menos como um grande general guiando suas tropas para a vitória.

— Se acha que vou aguentar bancar o tutor de uma criança mimada pelo próximo ano, você é tão cabeça de vento quanto seu comportamento recente sugere.

— Se realmente deseja se livrar de mim, por que não me manda para Nottinghamshire agora, como punição? — sugeriu ela com mansidão fingida.

Ele semicerrou os olhos.

— Ah, esse é seu jogo, então?

— Jogo? — Ela fingiu não entender. — Não há jogo nenhum. Estou apenas tentando expiar minhas ações precipitadas da manhã de ontem.

Ele havia parado diante da cadeira, a única barreira entre os dois. O olhar escuro e brilhante do duque era inteligente demais para o gosto dela, e procurava respostas que ela não queria dar.

— Realmente espera que eu acredite que você só foi cavalgar sozinha ontem de manhã?

Muito inteligente, de fato. Ela se perguntava que profundezas ocultas estariam por trás de sua fachada de libertino. Seria possível que houvesse nele mais do que o sedutor sem consciência que ele mostrava ao mundo?

Por alguma razão, Virtue não gostou dessa ideia. Era muito mais fácil — e preferível — considerá-lo desprezível. Afinal, esse era o homem que insistia em roubar a independência dela.

— Cavalgo todas as manhãs, sempre que o tempo permite — admitiu ela, na esperança de que essa revelação servisse para aumentar a frustração dele.

Não vê, ela queria gritar. Sou um problema! Mande-me de volta para minha casa e, em um ano, você estará livre de mim, e eu de você.

— Chega de cavalgar sozinha às seis da manhã, criança — disse ele com severidade.

— Sinto muito pelo possível escândalo que eu possa ter provocado — retrucou ela. — Mas, sem dúvida, pode ver que não me sinto em casa aqui. Londres não é o meu lugar.

— Não é o escândalo que me preocupa, é seu bem-estar. A cidade é perigosa. Por Deus, quando penso no que poderia ter acontecido a uma criança como você, vagando por aí sem proteção...

Por fim, Ridgely permitiu que suas palavras saíssem; sacudiu a cabeça com a mandíbula tensa.

Impossível acreditar que ele se importasse caso algo de ruim acontecesse com ela.

— Não sou uma criança — rebateu ela. — Também não sou uma dama delicada da sociedade que não sabe cuidar de si mesma.

Ela poderia ultrapassar qualquer um, especialmente com uma égua como Hera. Disso ela não tinha dúvidas. E em uma circunstância particularmente difícil, ela sabia socar, chutar e morder, e onde acertar um golpe em um homem para causar o máximo estrago.

— Chega de cavalgar sozinha pela manhã — repetiu ele, ignorando o protesto dela como se não o houvesse escutado. — Prometa.

— Ridgely, por favor, ouça a voz da razão. . .

— Prometa — gritou ele, interrompendo-a. — Agora.

— Chega de cavalgar sozinha pela manhã — disse ela, franzindo a testa, e acrescentou: — Em Londres.

— Em lugar nenhum — rosou ele. — Pelo menos até se casar, porque, a partir de então, você será problema de seu marido, e boa sorte para o pobre coitado.

— Muito bem — concordou, pois não tinha intenção de honrar a promessa nem de se casar. — Em lugar nenhum.

— Boa menina. Quanto a seu castigo, sinto lhe informar que serão os livros.

Os livros? Os livros não! Ridgely não seria louco a ponto de cumprir a ameaça que havia feito na biblioteca quando lhe negara *Um conto de amor!* Seus livros eram tudo o que ela tinha em Londres. Tudo que restava de si mesma, depois de ter sido arrancada de Greycote Abbey.

— Você não vai queimá-los — disse ela.

— Ainda não, mas você também não os lerá — retorquiu ele, com uma nota de triunfo na voz. — Junte todos os livros que roubou de minha biblioteca, e outros que estiverem com você, e entregue-os aqui dentro de uma hora. Se você se comportar por quinze dias, eles serão devolvidos a você. E está proibida também de entrar em minha biblioteca nas próximas duas semanas.

— Todos os livros? — repetiu Virtue, horrorizada. — Quinze dias? Mas tenho livros raros e importantes!

Esta era a única vantagem de estar em Londres. Lady Deering se dispusera a levá-la a livrarias elegantes, como Virtue jamais havia sonhado, muito menos visto. Ah, o conhecimento esperando-a, ao alcance de suas mãos. . . Havia sido estonteante. Ela gastara toda sua mesada de uma vez. Mas com todos aqueles bailes, jantares e visitas sem sentido, ela não tivera tempo suficiente para consumi-los como gostaria. E agora o duque pretendia *tirá-los* dela?

— Principalmente os raros e importantes — disse Ridgely, em um tom diabólico.

Ele parecia se divertir à custa dela. Imensamente.

Por fim, ela soltou a cadeira e cruzou os braços, sem se importar se era um gesto grosseiro ou contestador.

— São meus, e você não pode pegá-los.

Trevor sorriu; tão bonito, irritante e *desagradável* que quase doía olhar para ele.

— *Você* é minha responsabilidade até completar vinte e um anos ou se casar com algum tolo lunático o suficiente para querê-la como esposa. E é meu

dever mantê-la segura para tal tolo, uma façanha que não poderá ser alcançada se você persistir em vagar por Londres desacompanhada no meio da noite.

As primeiras horas da manhã não eram o meio da noite. Além disso, ela não gostara da insinuação dele de que só um tolo lunático quereria se casar com ela. Mas os livros — *os livros dela* — eram sua principal preocupação naquele momento.

— E o que zelar por minha segurança tem a ver com roubar meus livros? — exigiu ela, indignada, horrorizada e frustrada ao mesmo tempo.

Ele inclinou a cabeça e lhe deu um olhar piedoso.

— Esse é o castigo, minha cara. Se não doer, você continuará fazendo coisas estúpidas. Agora, corra como uma boa tutelada e recolha os livros.

Ela se esforçou para manter a compostura diante da atitude presunçosa dele, rangendo os dentes para se conter enquanto engolia a raiva. Isso resolvia a questão com bastante firmeza, caso houvesse o menor indício de dúvida na mente de Virtue: o duque de Ridgely era total e irremediavelmente desprezível.

Ela fez uma reverência o mais debochada possível.

— Como quiser, Vossa Senhoria — disse com voz ríspida.

Mas ela pretendia fazê-lo pagar caro pelo castigo que escolhera.

Ela o faria pagar até que ele se rendesse e a mandasse de volta a Greycote Abbey, onde era seu lugar.

Leia também



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MARÇO DE 2024